

Sobre a loucura religiosa*¹

B. Ball

TRIGÉSIMA LIÇÃO

Sobre a loucura religiosa

102

SUMÁRIO – O que é a monomania ou o delírio parcial? – Loucura religiosa. – Sua frequência na nossa época. – História de dois pacientes. – Loucura religiosa exaltada ou teomania. – Influência do nascimento e da educação. – Influência da puberdade. – Período de desenvolvimento da loucura religiosa. – Alucinações da visão e da audição. – Incapacidade de trabalho. – Atividade irrequieta. – Excitação sexual. – Modo inicial. – Epidemias de delírio místico. – Ideias ambiciosas. – A teomania na fase desenvolvida. – O reino das alucinações. – Mutilações. – Castração. – Crucificação. – Sacrifícios humanos. – Período de declínio. – Prognóstico.

Loucura religiosa depressiva ou demonomania. – Três formas. – Causas frequentemente frívolas na aparência. – Doença mais frequente nos protestantes. – Consequências. – Mutilações. – Assassinatos. – Crença na imortalidade. – Impulso para o suicídio. – Condenados. – Possuídos. – Bruxos. – Práticas dos bruxos. – O prognóstico menos grave do que na forma exaltada.

*¹ Publicado originalmente em *Leçons sur Les Maladies Mentales* (2. ed., pp. 580-604). Paris: Asselin et Houzeau, 1890. Tradução realizada por Lumina Traduções.

Senhores,

Acabamos de estudar cuidadosamente os delírios sistematizados: precisamos examinar agora um estado mental que se aproxima desses tipos de psicoses, sem se confundir inteiramente com elas.

Tenho tido o propósito, há muito tempo, de lhes expor a questão dos delírios parciais, a qual falta no programa das nossas lições e que apresenta, tanto do ponto de vista doutrinário quanto da perspectiva clínica e prática, uma importância de primeira ordem.

Há ainda hoje, entre os grandes herdeiros da escola francesa, médicos alienistas que permaneceram fiéis à doutrina de Esquirol e que admitem a existência das monomanias.

Eles permanecem convencidos de que apenas um único tipo de concepções delirantes, uma única espécie de impulsos patológicos podem invadir o campo intelectual, sem prejudicar, pelo menos por bastante tempo, o equilíbrio das outras faculdades. Essa opinião, devemos falar dela com respeito, pois é a opinião dos nossos precursores, é a opinião de nossos pais, é a opinião de nossos mestres.

E, no entanto, o eixo intelectual da geração atual se deslocou completamente a este respeito. Falret pai, um dos primeiros, criticava com veemência a doutrina da monomania. Praticamente isolado na sua época, considerado principalmente como um lógico ávido por controvérsias e atrelado a problemas de definições, Falret viu suas ideias triunfarem de forma gradual, até mesmo durante a sua vida, e agora o seu triunfo é completo.

Reconhecemos, de fato, que existe nos alienados uma desordem geral das faculdades intelectuais e morais, uma perturbação geral das funções cerebrais. Reconhecemos que muito antes de sofrer o enfraquecimento da memória ou do raciocínio, mais de

um alienado apresenta a perversão total dos sentimentos, afetos e instintos. E mais se segue essa linha, mais nós nos identificamos com essa análise, mais se aprofunda o problema, mais estamos convencidos de que as manifestações psicológicas da loucura constituem um conjunto cujas partes não podem ser logicamente desmembradas. Essa é, pelo menos hoje, a opinião quase universalmente aceita.

É verdade que, em algumas formas de delírio, as aberrações mentais se agrupam em torno de um centro comum e constituem uma predominância em favor de determinadas ideias, de certas tendências, que parecem absorver praticamente tudo à sua volta e impor uma espécie de conscrição forçada a todas as faculdades do indivíduo.

Se eu escolhi a loucura religiosa para essa palestra, é principalmente porque essa forma de vesânia é um tipo completo de delírio parcial e também porque ela é muito mais comum do que geralmente se acredita. De fato, nos livros clássicos, nos manuais que são publicados quotidianamente, observamos uma afirmação que eu considero errada. Diz-se que a loucura religiosa está diminuindo, que ela já não é mais desse século, que, hoje, as preocupações mundanas, as agitações da política, desviaram as mentes dessa via e traçou-lhes uma direção totalmente nova.

Senhores, se as formas externas da sociedade podem mudar, a natureza do homem não muda nunca. Sempre haverá religiões, porque o sentimento religioso é um elemento primordial da mente humana. Certamente, não vemos hoje, como no tempo das cruzadas, povos inteiros desembainhando a espada para exterminar os infiéis. Mas, estou inclinado a acreditar que, mesmo nos tempos em que a exaltação religiosa mostrou sua intensidade mais forte, a massa da população era bastante indiferente: o povo, em geral, compartilha de bom grado a opinião dos chineses, para quem a religião é certamente uma coisa excelente, mas o comércio é melhor ainda.

É fato demonstrado pela história de que as ideias religiosas adquiriram uma predominância marcada nas épocas mais agitadas, de luta e de reforma. É sobretudo quando as religiões se formam ou entram em colapso que determinadas mentes se exaltam, às quais são numerosas o suficiente para formar um afluente importante para o rio da alienação mental.

Passamos atualmente por um desses momentos e sem querer entrar em enumerações estéreis, eu afirmaria que a rotina quotidiana nos traz loucos, sendo alguns deles religiosos exaltados, ao contrário de outros que são vítimas de terrores místicos. Ambos os tipos pertencem à classe dos monomanos ou, melhor, dos delirantes parciais.

Atualmente, possuímos uma boa coleção desses pacientes. Gostaria de descrever dois deles, pois representam dois tipos clínicos opostos que devem ser cuidadosamente distinguidos um do outro.

O primeiro, que eu apresentei já há algumas semanas, é um homem de uns cinquenta anos, bastante alto, com um rosto doce e uma fisionomia inteligente. Trata-se de um clérigo. Foi ordenado padre aos 25 anos e durante alguns anos exerceu as funções sacerdotais. Mas, naquela época, sua saúde fraca, a anemia e

palpitações cardíacas o obrigaram a reduzir inicialmente suas atividades e, logo em seguida, a abandonar seu ministério.

Aos trinta anos de idade, uma ciática violenta o obrigou a deixar a igreja. Ressalto este fato: a ciática, uma doença geralmente pouco grave, pode frequentemente ser a causa de uma grave perturbação do equilíbrio mental.

Assim, logo após os trinta anos, o nosso homem foi trabalhar no mar. Ele tinha abandonado suas funções pastorais e se tornou um desclassificado. No entanto, filho de fazendeiros ricos, ele não estava sem recursos e a miséria não parece ter desempenhado nenhum papel na sua existência patológica. Aparentemente, as condições necessárias da vida material nunca lhe faltaram. Mas, ele afirma ouvir vozes desde 1870. É importante observar este fato: normalmente, quando os loucos religiosos manifestam alucinações, é pelo órgão da visão que começam os distúrbios sensoriais. Aparentemente, no caso do nosso padre, as alucinações auditivas se manifestaram em primeiro lugar. As vozes que falavam com ele pareciam ser produzidas pela eletricidade. Ele imaginava que a física estava sendo utilizada para atormentá-lo. Esta condição durou por três anos, durante os quais Deus o testava, afirma ele, pela eletricidade, o que por vezes lhe inspirava ideias contrárias ao sexto mandamento.

Enfim, Deus lhe disse que era mesmo a sua voz divina que falava aos homens através dele. Desde muitos anos, ele tem sido agente de Deus, ele é o seu escritor e sob seu ditado. É, como os senhores podem ver, a teoria da inspiração literal. Mais tarde, as alucinações visuais começaram, aparições celestes se revelaram e viu o bebê Jesus num buquê de flores. Uma revelação divina lhe disse que ele tinha sido ordenado bispo e que tinha que usar uma cruz de bispo no peito. A partir desse momento, ele começou a compartilhar suas divagações em feiras e reuniões públicas e, impulsionado por essa loucura, comum a tantos alienados, iniciou uma volumosa correspondência. Escreveu para o bispo de Cahors, para o Papa, para o Marechal de Mac-Mahon, a todo mundo. Como podem notar, ele tomava suas medidas para manter boas relações com todas as partes.

Seu objetivo, segundo ele, é estabelecer a teocracia universal.

Só Deus deve reinar sobre a terra, no lugar de todos os reis. Para atingir esse objetivo, o governo francês deve criar uma chancelaria divina e, naturalmente, é o próprio paciente que ocupará a posição de chanceler divino. Ele receberá um salário de 20.000 francos. Esse número é sempre escrito da seguinte forma: “*vin mille francs*”,¹ porque a França, flagelada pela filoxera, não vai mais produzir vinho até que as ordens de Deus tenham sido executadas.

¹ Trata-se de um jogo de palavras: *vin* significa vinho, em português. Ambas as palavras, *vingt* e *vin*, são pronunciadas da mesma forma: /vã/.

Além disso, ele deverá receber um terço do salário do Ministro das Relações Exteriores. Deverá receber a soma de 30.000 francos, na forma de um pagamento único, para construir um castelo na sua terra natal que será a sede da chancelaria divina. Deve-se, por fim, pagar-lhe quatro anos de atraso no pagamento de seu salário. Essas condições, uma vez preenchidas, vão resultar na paz universal. A França irá se beneficiar de uma prosperidade extraordinária e o papado será restaurado no seu lugar de direito.

Mas, nos últimos tempos, a inspiração divina lhe diz que é tempo de passar das palavras aos atos. Portanto, ele viaja a Paris, vai para o Élysée² e pede para falar com o presidente sobre seus projetos. Ele é preso e levado para o hospital St. Anne³ e aceita com resignação essa nova tribulação que a Providência lhe envia para testar sua fé.

Senhores, como vocês sabem, os escritos dos alienados não são menos importantes do que seus discursos. Os manuscritos que apresento são adornados com uma caligrafia toda especial.

Quando nosso paciente escreve o nome de Deus (*Dieu*), ele utiliza letras capitais de uma altura extraordinária. Ele coloca três pontos no *i*, três traços transversais no *t*, honrando a Santíssima Trindade. Suas rasuras, porque ele as faz, são enormes quadrados de tinta. Mas, o que é mais notável é a fórmula sacramental pela qual ele começa todos os seus escritos: “Deus, cuja voz falante e cujo leve barulhinho são, para qualquer ouvido humano *esquerdo*, como uma proteção permanente, segura e adorável, diz as seguintes palavras”.

Como vemos, conforme sua própria confissão, nosso paciente é um alucinante unilateral. Ele o afirma claramente, Deus fala com ele apenas pelo lado esquerdo. Ele nunca ouve a voz divina do lado direito.

Além desse doente, que sofre de uma verdadeira monomania religiosa, há um jovem empregado de 26 anos que apresentamos há poucos dias. Esse sujeito, saudável até recentemente, não cultivava nenhum tipo de ideias místicas. Ele era crente, diz seu pai, mas não praticante. Nas últimas cinco semanas, ele parecia estranho e seus hábitos, até então perfeitamente normais, começaram a sofrer perturbações. No domingo anterior à sua prisão, ele foi para o seu escritório para trabalhar, acreditando que fosse sábado. Isso, meus senhores, já é bastante grave, porque ele já devia estar bastante adoecido para perder a noção dos dias. Na

² O Palácio do Eliseu (em francês: Palais de l'Élysée) é a residência oficial do presidente da República Francesa.

³ O centro hospitalar Sainte-Anne é um hospital localizado em Paris, especializado em psiquiatria.

segunda-feira seguinte, cometeu, no escritório, muitas extravagâncias. Convidou seus colegas para irem com ele para Saint-Vincent de Paul⁴ e marcou outro compromisso na Notre-Dame⁵ para o dia seguinte, às sete da manhã. Voltou para casa à meia-noite, sem poder explicar sua chegada tardia. No dia seguinte, terça-feira, ele foi preso na Notre-Dame e levado para a delegacia de polícia. Ele tinha tentado estabelecer o seu domicílio sob o altar principal. Fazia genuflexões, prostrações e beijou a terra. Ele sofria de alucinações auditivas pronunciadas. Deus o inspirava, ele ouvia suas ordens, cantava, por ordem divina, canções que nem sempre eram edificantes. Finalmente, desde a sua internação na Clínica, ele obedece a todas as ordens que lhe são dadas em nome de Deus.

É por um determinado motivo, senhores, que aproximei os dois pacientes cuja história acabei de lembrar. O padre é um verdadeiro tipo de delírio parcial, um caso autêntico de loucura religiosa. O jovem empregado, ao contrário, é um hipomaníaco, no qual as ideias místicas assumiram momentaneamente o controle e constituem, de certo modo, a máscara do delírio. Mas, não devemos confundir esta perturbação geral da mente com o delírio parcial que acabei de apresentar através de um exemplo notável. E não se trata apenas de uma questão de palavras. Trata-se de um diagnóstico da maior importância do ponto de vista prático. Na verdade, o jovem maníaco certamente vai ser curado, e ele já entrou em convalescença. O padre, ao contrário, sofre de um delírio essencialmente crônico e incurável que certamente culminará em demência.

Vamos agora, senhores, analisar a doença cujo tipo acabei de apresentar. Estudaremos o desenvolvimento, a evolução e as características clínicas que lhe são próprios.

Senhores, apesar de a loucura religiosa poder se manifestar de repente nas condições que descreverei em seguida, os candidatos a esse tipo de delírio quase sempre possuem uma forte predisposição para essa doença mental nos seus antecedentes. Além disso, nascidos num ambiente quase sempre saturado de ideias místicas, eles recebem uma educação que atija, em determinados momentos, as exaltações do sentimento natural.

Numa grande parte das monomanias, eu quase poderia dizer na maioria dos delírios parciais, há uma fórmula que se aplica à maioria dos indivíduos. A loucura do paciente é apenas a hipertrofia do seu caráter normal. Essa hipertrofia é encontrada também nos alienados religiosos.

⁴ A Igreja de São Vicente de Paulo [Église de Saint-Vincent de Paul] é localizada no 10º arrondissement de Paris.

⁵ Catedral de Notre-Dame de Paris.

Analisaremos primeiro o ponto de partida. O alienado místico nasce na maioria das vezes de pais religiosos e cultiva desde cedo práticas assíduas de devoção. Em segundo lugar, a educação, como já dissemos, desempenha um papel dos mais importantes. Desde cedo, ela exerce uma poderosa influência sobre o desenvolvimento do indivíduo. Formulando assim as origens da loucura religiosa, não pretendo atacar o espírito religioso em si. Sabemos que existem em todos os ramos do conhecimento humano inteligências poderosas que unem uma devoção fervorosa aos mais valiosos dons intelectuais. Porém, a maioria daqueles que estão sofrendo de loucura religiosa são, desde o início, fracos de espírito. Sua inteligência medíocre se apega às formas externas, às pequenas práticas da religião. São pessoas que se dedicam a devoções pueris e que perdem o controle perante as excitações de todo tipo que seu culto religioso lhes oferece. Encontramos também, nesses pacientes, muitos homens que não realizaram seu sonho de ser padre, pastores sem rebanho, pregadores sem emprego. A história do nosso homem apoia esses dados. Porém, seria um erro acreditar que todos os loucos dessa categoria são fracos de espírito. Entre os fundadores de religiões, alguns dos quais eram alienados, encontramos grandes personalidades ou pelo menos poderosas inteligências. Basta mencionar Lutero e Maomé. Mas, se os fracos de espírito pecam aqui devido à sua natureza, os fortes pecam pelo excesso. Lutero e Maomé eram doentes. Eles eram neuropáticos que direcionaram sua hiperatividade cerebral para suas crenças religiosas.

O sujeito assim preparado cresce. Ele chega a um momento crítico, como os senhores sabem, na história da alienação mental, na puberdade. Nesse momento, ocorre uma espécie de *impulso* moral, que o faz penetrar, de alguma forma, no vestibulo do edificio patológico. As ideias de perfeição nascem e se desenvolvem, um profundo sentimento de pecado se manifesta. O paciente desenvolve um desprezo pela vida e pelos interesses terrenos. É nesse momento que eclodem, no mais alto grau, as vocações religiosas que levam os meninos para o seminário e as meninas para o convento.

Nesse estágio, já se manifestam os sintomas mais graves. As alucinações entram em jogo, principalmente as alucinações visuais. Os místicos, de fato, frequentemente têm visões celestiais, e isso é um dos fatos mais importantes, como veremos em breve.

As alucinações auditivas geralmente corroboram as visuais, mas num momento posterior, e as aparições completas marcam um estágio mais avançado da doença. Gostaria de salientar que no caso do nosso paciente ocorreu o contrário, ou seja, a doença começou a se manifestar pelas alucinações auditivas. Trata-se de um desenvolvimento totalmente diferente. Seja qual for a idade em que a doença começa a se manifestar, ela passa por um período de incubação que pode ser, às vezes, bastante longo. É nessa fase que ocorrem as insônias persistentes durante as quais o paciente é muitas vezes visitado por aparições celestes.

Várias perturbações do sistema nervoso ocorrem, por vezes, junto com os primeiros sintomas desse estado vesânico. A histeria, a epilepsia, os êxtases e a catalepsia foram observados naquela fase. Nas mulheres, a clorose e a amenorreia e, nos homens, a hipocondria podem às vezes complicar a situação.

Mas o que caracteriza essencialmente esse primeiro período é a incapacidade profunda de trabalhar, acompanhada por um estado de atividades inquietas. Os pacientes frequentam exercícios religiosos de maneira diligente, ouvem sermões, seguem as missões. Eles devoram livros religiosos e nunca abandonam suas práticas de devoção apenas para mergulhar em meditações profundas. As consequências são inevitáveis: eles abandonam suas carreiras e negligenciam seus deveres profissionais. Eles deixam suas famílias e se tornam membros inúteis da sociedade.

Principalmente entre as mulheres ocorrem nessa fase sinais de excitação sexual que se manifestam preferencialmente durante a menstruação. A masturbação, em ambos os sexos, pode então ser uma das mais importantes causas predispositivas, ou um dos sintomas mais comuns do estado da doença.

Há de fato uma relação quase constante entre a loucura religiosa e a excitação sexual, até tal ponto que poderíamos acreditar que são as mesmas células cerebrais que governam ambos os fenômenos. Isso, senhores, é a primeira grande característica que distingue a loucura religiosa de outras monomanias.

Muitas vezes, essas tendências eróticas se misturam com as ideias místicas mais exaltadas. Mais de uma religiosa escolheu Jesus como amante e o papel dessa personagem divino nem sempre é tão puramente imaterial como poderíamos pensar.

Recomendo aos senhores a releitura da observação notável que o meu mestre, Moreau de Tours, relatou num famoso livro.⁶

No caso de uma senhora alienada de bastante idade, cujas confissões manuscritas pude analisar rapidamente, o amante favorito dela era o apóstolo Paulo. Não sei por que esse grande defensor da castidade foi escolhido nessa circunstância. Contudo, ele desempenhava, no caso dessa mística, um papel bastante comprometedor.

Levando em consideração esses hábitos da mente, torna-se fácil entender por que as loucas religiosas frequentemente acreditam estar grávidas do Messias e estão dispostas a dar um salvador ao mundo.

Mas, estou antecipando a fase do estado desenvolvido da loucura religiosa. Lembremos apenas que uma das primeiras características da loucura religiosa é o 'casamento' íntimo e constante das ideias místicas com as ideias eróticas.

O desenvolvimento da loucura religiosa pode ser dividida em três períodos: o período de desenvolvimento, o período da doença desenvolvida, o período de declínio.

⁶ La psychologie morbide (A psicologia mórbida), p. 269.

Muitas vezes, a loucura irrompe subitamente, sem causa conhecida. Porém, na maior parte dos casos, há um longo período de preparação cuja história acabei de ilustrar.

Às vezes, a explosão do delírio ocorre após excessos sexuais ou de abusos solitários. Mas, é mais provável que ela resulte de um *trauma moral*, de uma emoção dolorosa, de um amor frustrado. Outras vezes, ela segue a uma doença mais ou menos grave ou a uma série de vigílias e abstinências prolongadas que podem ser consideradas como o equivalente a uma doença. Tais são os efeitos, as consequências do ascetismo. Os místicos que desejam ter visões e que se envolvem num número infinito de macerações acabam quase sempre por atingir seus objetivos.

Finalmente, uma causa muito comum do delírio religioso são as missões, são os sermões veementes, as pregações que pintam, em cores brilhantes, as calamidades da Igreja. Vimos, há dois anos, na Clínica, uma jovem de costumes morais muito puros que imaginava que ela havia se tornado a amante do diabo, pois a sua inteligência tinha sido profundamente perturbada por sermões que ouvira.

110

Na Irlanda do Norte, país protestante, houve uma epidemia de delírio místico há alguns anos, depois de uma onda de pregações que objetivaram causar um despertar religioso. E como as meninas e as crianças, que forneceram à epidemia o maior número de vítimas, apresentavam, ao mesmo tempo, diversos fenômenos neuropáticos, o povo, que não via nenhuma maldade nisso, deu à doença o nome de religião histérica (*hysterical religion*).

Essa é a segunda característica fundamental da doença. Ela é essencialmente epidêmica e contagiosa e a história preservou a memória das principais epidemias desse tipo que ocorreram em épocas diferentes.

Mas, como todas as outras variedades de delírio, a loucura religiosa pode oferecer duas formas principais: a forma expansiva e a forma depressiva. A teomania corresponde a demonomania.

Sem dúvida, o diabo sempre desempenha um papel importante nas preocupações dos santos. Eles estão constantemente lutando com ele, mesmo que seja, é verdade, apenas para derrotá-lo e expulsá-lo. Mas o papel de Satanás é bem diferente quando ele é o mestre e tiraniza suas vítimas. Ao delírio que assume essa forma, damos o nome de demonomania. Estudaremos mais adiante essa outra variedade da loucura.

Na forma expansiva, ao contrário, a fé triunfa. Porém, sua vitória é quase sempre acompanhada de ideias ambiciosas que remetem, em alguns aspectos, ao delírio de grandeza. As mulheres assumem o papel de mãe de Deus, enquanto os homens são profetas, reformadores, messias, e o paciente que apresentei se satisfaz com o título mais modesto de *chanceler divino*.

Essa é, senhores, a terceira característica essencial da loucura religiosa: as ideias ambiciosas.

Mas o período de desenvolvimento pleno da teomania é o reinado da alucinação. Cercado por visões celestiais, o paciente enxerga o céu entreaberto, a luz divina o envolve com seus raios e criaturas angelicais o acompanham, exceto quando ele está sendo obcecado por espíritos malignos.

Alucinações táteis e especialmente sexuais também ocupam um lugar importante entre os sintomas da doença. Finalmente, as alucinações auditivas, que se manifestam mais tarde, completam o delírio, conferindo-lhe um caráter mais preciso. Trata-se de revelações, de profecias, de missões e finalmente de ordens divinas iguais às que o nosso paciente ouve pela orelha esquerda.

Essa é a origem do perigo que esses sujeitos apresentam. Eles nem sempre se contentam com o papel de pregadores e muitas vezes acreditam que precisam passar para a ação.

Entre os atos de violência que pode exercer o louco religioso, os mais comuns são aqueles que ele comete contra si mesmo.

Nada mais comum do que as mutilações, nos adeptos da teomania.

Conhecemos a história daquele camponês fanático que, tendo assistido a missões na Bretanha, deixou sua família e seus negócios para levar uma vida errante no campo. Uma noite, ele entrou numa casa onde havia uma grande assembleia. Ele narra, com eloquência primitiva, os sofrimentos aos quais se submeteu voluntariamente durante sua nova vida, pelo amor de Deus, o que comove o seu público. De repente, ele exclamou: “Jesus Cristo apareceu e disse: como eu dei todo o meu corpo para a sua salvação, ordeno-lhe sacrificar a sua mão esquerda! E foi o que fiz”, acrescenta ele. Com essas palavras, ele tira do seu casaco o seu braço esquerdo embrulhado por trapos ensanguentados. Ele rasga as faixas desse curativo e mostra às pessoas, assustadas e surpresas, um coto sangrento. Ele acabara, de fato, de decepar a mão esquerda, e sem a ajuda rápida que recebeu, provavelmente teria morrido de hemorragia.

Entre as mutilações que esses insanos voluntariamente se infligem, um dos casos mais frequentes é a castração. Um dos defensores mais zelosos do cristianismo primitivo, Orígenes deu o exemplo e sabemos que há na Rússia uma seita bastante numerosa, os *skoptzi*, para a qual a extirpação, completa ou não, dos órgãos genitais é um ato de fé.

Há outra tortura que os pacientes frequentemente se infligem: a crucificação, na qual podem desempenhar tanto um papel ativo como passivo. Mais de um alienado pregou seus próprios filhos na cruz. Mais de um alienado se crucificou e, com engenhosidade perversa, após ter utilizado a mão direita para enfiar os pregos em ambos os pés e na mão esquerda, eles encontram uma maneira de perfurar a mão direita que ficou livre.

Mas esses são eventos que, na maioria das vezes, despertam a atenção de um público indiferente. Não ocorre o mesmo no caso do suicídio, uma das

conseqüências mais frequentes da teomania, ou do assassinato, para o qual esses doentes são muitas vezes forçados por uma voz misteriosa.

Um agricultor alemão se sente obrigado a repetir o sacrifício de Abraão com o seu filho único de 14 anos. O que é estranho é que o filho consente e é assassinado pelo próprio pai.

Conhecemos também a história dessa senhora que foi acordada no meio da noite por uma aparição celeste e que viu um anjo que lhe ordenou enviar para o céu a sua menina de 18 meses. Levantou-se e depois de ter coroado sua filha com rosas brancas, ela pegou uma faca e lhe abriu a garganta.

Um dos fatos mais conhecidos dessa tendência de homicídio é aquele relatado por Esquirol. Um doente, internado por muitos anos, acreditava ter o dom de reconhecer aqueles que se encontravam num estado de graça. Ele imediatamente sentia o desejo de matá-los e de enviá-los diretamente para o paraíso. Ele dizia para eles, num tom de benevolência perfeita: “Aproxime-se para que eu possa matá-lo”. Um enfermeiro infeliz, que passou pelo seu raio de ação, levou uma pancada na cabeça com um bule de chá de estanho. Ele teve uma fratura no crânio e morreu poucas horas depois.

Finalmente, para completar a série de seus crimes, os alienados religiosos muitas vezes sentem a compulsão de provocar incêndios.

112

Vemos então que os pacientes dessa categoria sempre podem ser perigosos, especialmente quando eles têm alucinações. Eles devem portanto permanecer internados. Por outro lado, muitos deles são perfeitamente inofensivos até o fim de suas vidas, mas não podemos nos basear nessa suposição.

Nessa carreira triunfal, repleta de visões celestiais e durante a qual os alienados consideram que todos aqueles que contestam a sua missão divina são emissários do diabo e servos do inferno, podem ocorrer, mais de uma vez — e essa é uma das características importantes da doença —, episódios violentos de dúvida e desespero. Deus os abandona, Deus nunca os chamou. O demônio os obsedia. Eles têm um sentimento profundo de sua própria indignidade e se sentem incapazes de realizar a missão providencial da qual são encarregados. Eles redobram então seu fervor, suas orações e mortificações e logo os efeitos dessas práticas fazem efeito. Mais de um místico, temporariamente privado de suas visões celestiais, reavivou suas alucinações praticando o jejum, a abstinência e a exaltação. A loucura retoma então o seu curso normal.

O período de pleno desenvolvimento que acabamos de descrever, pode durar muito tempo e frequentemente se estende por vários anos. Mas, internados em sanatórios ou acomodados em condições favoráveis, esses pacientes, após certo período, tendem a se acalmar. A insônia desaparece, sua saúde melhora, o espírito repousa e eles logo desenvolvem uma espécie de resignação preguiçosa que representa o terceiro estágio da doença. Nesse momento, eles afirmam passar por um tempo de provas. Mas seu martírio produzirá resultados, sua hora virá e eles sairão triunfantes

do cativo. Enquanto isso, vivem frequentemente em harmonia com seus colegas e os guardas, e tornam-se úteis dentro da instituição. No entanto, eles permanecem perigosos e devem ser vigiados de perto.

Mas, aos poucos, as alucinações desaparecem, o delírio se torna menos ativo, as faculdades intelectuais se enfraquecem e o paciente desenvolve gradualmente um estado de semidemência. As ideias fixas persistem, ainda que de forma rudimentar, por um longo tempo, mas o desgaste cerebral mostra seus efeitos e a atividade delirante desaparece completamente.

O prognóstico da teomania é extremamente grave. As curas são raras, mas podemos frequentemente observar remissões temporárias. Essa é a razão pela qual tantos hereges, depois de admitir seus erros, voltaram a defender as mesmas ideias e foram entregues pela Igreja ao braço secular como reincidentes. Eram, na maioria das vezes, doentes mentais que, após ter delirado por um determinado período, tinham se recuperado temporariamente, mas que tiveram uma recaída, pela qual foram punidos com todo o rigor da lei.

Resta agora mencionar a forma depressiva da loucura religiosa, que é mais comumente conhecida como *demonomania*.

Nós nos ocupamos até agora com a loucura religiosa na sua forma mais esplendorosa, mais pitoresca e mais comunicativa: é a forma ambiciosa, gloriosa e mística.

Estudaremos agora o lado oposto da questão. Depois do céu, o inferno. Depois da excitação, o desespero. Depois das visões radiantes que transportam o alucinado para o sétimo céu, as aparições monstruosas, as torturas antecipadas, os tormentos de um inferno que, mesmo sendo imaginário, não é menos real. Pois como diz tão bem o grande poeta inglês: “A mente é sua própria morada. Ela pode criar um inferno em pleno céu e um céu no meio do inferno”.

O ponto de vista histórico, a importância da forma depressiva é muito menor do que a da forma expansiva. São os teomaniacos que fundaram novas religiões, que salvaram reinos, derrubaram impérios e, resumidamente, alteraram a face do mundo.

O delírio dos loucos que, em vez de estar em comunicação com os poderes celestiais, estão relacionados com os maus espíritos, é muito menos fértil em consequências gerais, mas é pelo menos tão rico em desastres individuais e locais. É quase que exclusivamente à sua história, tão dramática e tão fascinante, que o sr. Calmeil dedicou o seu livro que se tornou tão famoso.

A loucura religiosa de caráter depressivo pode ser classificada em três categorias. São elas:

- Os condenados
- Os feiticeiros
- Os possuídos

Senhores, existe uma forma simples de lipemania sem alucinações, cujo delírio é baseado no medo da perda eterna. O sujeito acredita ser condenado.

Nada pode salvá-lo e todo o seu estado moral revela essa convicção profunda, imutável, irresistível.

O ponto de partida desse delírio parece frequentemente ser banal: é uma palavra ouvida, são leituras edificantes que tendem a causar terrores místicos e podem causar desânimo nas mentes fracas. São sermões pregados com veemência, é remorso, consequências de pecados, às vezes imaginários, às vezes reais. Enfim, são alucinações e principalmente alucinações auditivas. O paciente ouve vozes que repetem que ele está condenado e ele aceita essa condenação sem questioná-la.

Mas para termos alucinações, já devemos estar doentes, e se todas as pessoas que acreditam estar num estado de perdição não estão alucinando, elas estão predispostas, sem exceção, à loucura. É por isso que, sem dúvida, causas banais podem muitas vezes precipitá-las para o delírio.

Note-se que a ideia da perdição, sem nenhuma outra complicação e sem distúrbio sensorial, é incontestavelmente mais comum entre os protestantes do que entre os católicos. A doutrina da predestinação, interpretada com todo o seu rigor, foi desenvolvida, segundo os teólogos, para acalmar o espírito. Porém, ela deve ser interpretada num sentido favorável. Quando, ao contrário, ela é interpretada no sentido contrário, como aconteceu no caso de mais de um místico, ela resulta numa ideia fixa que conduz quase inevitavelmente à insanidade. Não pretendo dizer aqui que se trata de uma relação de causa e efeito. A mente de tais pacientes provavelmente já deve estar doente para entregar-se a terrores dessa espécie. Mas podemos concluir que para os sujeitos predispostos, o risco sempre existe. Devemos acrescentar um tipo de medo que, especialmente em tempos de fervor religioso, perseguiu muitos protestantes: o medo de ter cometido o pecado imperdoável. O célebre John Bunyan foi um exemplo notável. Na sua autobiografia, esse espírito ingênuo e fervoroso, do tipo de protestantismo exaltado nas classes sociais inferiores, narra como ele acreditava estar perdido por ter ouvido o som dos sinos, por ter jogado boliche e por ter cometido outros pecados da mesma espécie. No entanto, podemos encontrar exemplos dessa forma de demonomania também entre os católicos e tive a oportunidade de oferecer-lhes um exemplo notável, aquele do pequeno sacristão que, tendo comungado, como ele disse, num estado de pecado mortal, perdeu seu coração e estava condenado porque, tendo perdido o seu coração, ele não podia mais se arrepender.

Sob a influência desses sentimentos, os sujeitos praticam automutilações extensas e principalmente a mutilação dos órgãos genitais. Outros, sob a influência da mesma preocupação, cometem assassinatos ou atentados, como no caso do homem citado por Pinel que, depois de um sermão, acreditando ser condenado, foi para casa e matou seus filhos para evitar que eles tivessem o mesmo destino. Muitas vezes, essa forma de delírio leva também à recusa de alimentos. “Eu sou indigno de comer”, afirma o doente, e recusa qualquer tipo de alimento.

Finalmente, há duas ideias que frequentemente correspondem àquela de condenação: a crença na imortalidade pessoal e o impulso de suicídio. No famoso manual de Esquirol, todas as pacientes em questão afirmam que nunca irão morrer, elas estão destinadas a permanecer para sempre na Terra. E, num trabalho recente, Cotard novamente chamou a atenção para esse assunto.

Um fato não menos comprovado é o impulso de suicídio que persegue a maior parte dos alienados que acreditam estar eternamente perdidos. Trata-se aparentemente de uma contradição, mas que se explica logicamente pelo desejo de acabar com as incertezas de uma situação intolerável.

Como mencionamos no início, os lipemaníacos, que acreditam ser condenados, são, em muitos casos, livres de alucinações. Quando essas ocorrem, elas são uma espécie de transição entre a forma simples descrita acima e a forma mais complexa que constitui a *obsessão*.

É aqui que se manifesta um dos fenômenos mais curiosos e mais característicos da alienação mental: o desdobramento da personalidade, o qual existe provavelmente até certo ponto em todos os alucinados, mas que adquire a expressão mais completa nos obcecados. É esse estado psicológico que dá forma ao seu delírio e transforma em realidades palpáveis e tangíveis as ideias lúgubres que flutuam em suas mentes. É nessa fase que o sujeito acredita ser habitado por um espírito imundo, cuja presença ele claramente percebe e cujos pensamentos, impulsos e atos se misturam e se fundem com as produções espontâneas de sua própria mente.⁷

Resta falar dos feiticeiros, os quais, charlatães ou alienados, desempenharam um papel importantíssimo na Idade Média, e eles ainda não perderam completamente sua credibilidade até hoje.

Se se tratasse apenas de impostores que, no meio de um povo ignorante e rude, fingiam possuir poderes sobrenaturais, a ciência realmente não teria que se preocupar com esses. Porém, é absolutamente incontestável que, ainda hoje, existem alucinados que acreditam firmemente ter entrado em contato com o diabo e participado daqueles encontros fantásticos nos quais os bruxos se reúnem para se entregar às práticas de um culto ao contrário.

Visto as narrativas mais ou menos consistentes dos réus dos processos da Idade Média, podemos nos perguntar se não existiam, numa determinada época, reuniões dedicadas a cerimônias monstruosas. As relações da Europa Ocidental com o Oriente muçulmano, onde ainda existem adoradores do diabo (os Yezidis) e religiões estranhas, como a dos Drusos, introduziram no nosso meio seitas cujas

⁷ Temos longamente insistido nesse fenômeno nas nossas lições sobre as alucinações, o que nos dispensa de retomar esse assunto hoje.

reuniões logo se degeneraram em festins tumultuados. Seja como for, de acordo com os feiticeiros, o Sabbat era uma espécie de feira pública realizada em lugares remotos, onde eram realizadas proezas grotescas que provavelmente nem ultrapassavam os truques dos magos modernos. Realizava-se uma homenagem obscena para o diabo, que se manifestava às vezes na forma humana, outras vezes na forma de um animal. Havia banquetes fantásticos e a carne humana desempenhava um papel importante. Comia-se pernas de bruxos e outros pratos semelhantes. Enfim, havia práticas sexuais em público, não apenas entre os bruxos e bruxas, mas a maior honra era copular com o próprio diabo. As bruxas ficavam extremamente lisonjeadas quando podiam se orgulhar de terem sido amantes de Satanás, porém todas declaravam que o contato com ele era extremamente doloroso e que a semente do diabo estava fria, o que não a impedia de ser fecunda, pois a mais alta nobreza entre os feiticeiros significava ser o filho do diabo e de uma bruxa.

116

Havendo ou não um fundo de verdade nessas histórias, é incontestável que a alienação mental desempenhou um papel muito importante no caso dos bruxos, muitos dos quais provavelmente eram charlatães e vítimas de enganação ao mesmo tempo. Hoje, a bruxaria é encontrada apenas em indivíduos isolados. Argumentou-se que esse tipo de delírio se encontra apenas nos camponeses, o que não é verdade, pois encontrei várias vezes exemplos entre os habitantes de Paris e até mesmo entre pessoas bastante cultas. Vi, há alguns anos, um homem muito inteligente e culto que tinha praticado invocações sobrenaturais depois de ter lido alguns livros sobre o espiritismo, e ele finalmente acabou por evocar um espírito maligno. Porém, como esses invocadores desajeitados que, por falta de conhecimento das fórmulas sacramentais, depois de ter invocado o diabo, não conseguem se livrar dele. Ele permaneceu ligado ao seu perseguidor e acreditava estar vinculado a ele por um pacto irrevogável que o tornava escravo do demônio que ele quis dominar inicialmente.

Senhores, se estabelecermos um paralelo entre a forma depressiva e a forma expansiva da loucura religiosa, veremos que há entre elas muitas semelhanças. Elas se correspondem pela multiplicidade de alucinações, pela tendência para o desenvolvimento epidêmico, pela predominância até exagerada dos distúrbios histéricos e convulsivos e, finalmente, pela excitação sexual. No entanto, a demonomania difere da teomania pela sua probabilidade maior de cura. É especialmente no caso da loucura epidêmica que conseguimos curar os doentes dispersando-os e afastando-os do ambiente onde suas ideias surgiram. No entanto, há casos de cura em pacientes isolados e especialmente de possuídos. A lipomania simples, sem alucinações, que se manifesta apenas pelo medo da condenação, é muito mais teimosa e mais difícil de curar.

CLÁSSICOS DA PSICOPATOLOGIA

Quando a doença persiste por um longo período de tempo, ela quase sempre acaba em demência, tal como na forma anterior.⁸

Citação/Citation: Ball, B. (2015, março). Sobre a loucura religiosa. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 18(1), 102-117.

Editor do artigo/Editor: German E. Berrios

117

⁸ A esse estudo sobre a loucura religiosa, devo acrescentar algumas palavras sobre um assunto muito relacionado, a loucura erótica. Porém, para não aumentar demasiadamente as dimensões desse livro, prefiro recomendar ao leitor o pequeno livro que publiquei sobre esse assunto. (*Sobre a loucura erótica*. Paris, Baillière, 1888.)

B. BALL (1833-1893)

Médico psiquiatra e neurologista francês, primeiro titular da cadeira de doenças mentais no Asilo Saint-Anne. Foi membro da Academia Nacional de Medicina.